

## **AVALIATIVIDADE EM CLARICE LISPECTOR: DISCUTINDO A OBRA “SÓ PARA MULHERES. CONSELHOS, RECEITAS E SEGREDOS” NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Cristina de Oliveira do Nascimento (UNIP-SP)  
Maria Otilia Guimarães Ninin (UNIP-SP)

**RESUMO:** Focalizando a obra *Só para Mulheres. Conselhos, receitas e segredos*, de Clarice Lispector, que recupera as colunas femininas assinadas pela autora sob os pseudônimos de Ilka Soares, Tereza Quadros e Helen Palmer, publicadas originalmente no tablóide *Comício* e nos jornais *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*, nos anos 50 e 60, a pesquisa apresentada objetivou identificar e analisar características semântico-discursivas reveladoras de emoção, julgamento e apreciação na referida obra, para compreender como a autora representava a mulher da época e como questões ideológicas e culturais emergiam do discurso. A pesquisa recorreu teoricamente à linguística sistêmico-funcional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004; 2014) e à teoria *Appraisal*, traduzida no Brasil por Avaliatividade (WHITE, 2004; MARTIN e WHITE, 2005), especificamente quanto ao subsistema de *atitude*, que contempla os aspectos relacionados a emoção, julgamento e apreciação. Metodologicamente, optou-se por selecionar aleatoriamente textos da obra *Só para Mulheres. Conselhos, receitas e segredos*, e submetê-los ao programa computacional WordSmith Tools 5.0 (SCOTT, 2009), de modo a evidenciar características lexicogramaticais que indicassem a presença de emoção, julgamento e apreciação, de acordo com as categorias propostas por Martin e White (2005). Os resultados evidenciaram o endosso de Clarice-Helen Palmer, Clarice-Tereza Quadros e Clarice-Ilka Soares à ideologia de cada tabloide sobre o papel social da mulher, contrariando, de certo modo, o perfil transgressivo assumido por Clarice Lispector em suas obras literárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector. Coluna feminina. Avaliatividade. Emoções. Julgamento e apreciação.

**ABSTRACT:** Focusing the book *Só para Mulheres. Conselhos, receitas e segredos* (Clarice Lispector), which retrieves the female speakers signed by the author under the pen names of Ilka Soares, Tereza Quadros and Helen Palmer, originally published in the tabloid *Comício* and the newspapers *Correio da Manhã* and *Diário da Noite*, in the 50s and 60s, the research aimed to identify and analyze semantic-discursive features that reveal emotions, judgment and appreciation in such book, to understand how the author represented the woman of that time and how the ideological and cultural issues emerging of the discourse. Theoretically, the research was supported by fundamental concepts of systemic functional linguistics (HALLIDAY and MATTHIESSEN, 2004; 2014), and Appraisal theory (WHITE, 2004; MARTIN and WHITE, 2005), specifically the *attitude* subsystem, which includes aspects related to emotions, judgment and appreciation. Methodologically, it was chosen to randomly select texts from the book *Só para Mulheres. Conselhos, receitas e segredos*, and submit them to the WordSmith Tools 5.0 (SCOTT, 2009), in order to show lexicogrammatical characteristics that indicate the presence of emotion, judgment and appreciation, according to categories proposed by Martin and White (2005). The results evidenced the endorsement of Clarice-Helen Palmer, Clarice-Tereza Quadros and Clarice-Ilka Soares to the ideology of each tabloid about the social role of women, contradicting, in a way, the transgressive profile assumed by Clarice Lispector in her literary works.

**KEYWORDS:** Clarice Lispector. Female column. Appraisal. Emotions. Judgment and appreciation.

### **1 INTRODUÇÃO**

Clarice Lispector tem despertado o interesse de estudiosos em diferentes contextos e áreas do conhecimento – desde a literária à comunicação, e até mesmo às voltadas aos estudos linguísticos, como é o caso da análise do discurso de linhas francesa, anglo-saxônica e crítica, e dos estudos que focalizam a funcionalidade/sociabilidade da língua, como a sistêmico-funcional e a sociolinguística.

Como jornalista, Clarice publicou inúmeros textos nos jornais brasileiros e alguns deles foram agrupados em obras literárias, como é o caso de *Só para Mulheres. Conselhos, receitas e segredos*. Essa publicação, organizada pela pesquisadora e estudiosa de Clarice, Aparecida Maria Nunes, em 2006, é uma coletânea de textos publicados em colunas femininas para o tablóide *Comício* e para os jornais *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*, nas décadas de 50 e 60. Em uma época considerada opressiva para o sexo feminino, tem-se, portanto, Clarice submetida ao domínio da mídia impressa para oferecer às mulheres “dicas” para a vida cotidiana. Perguntas, ainda que não focais nesta pesquisa, nos inquietam: De que forma essa mídia exercia poder sobre a voz de Clarice? Funcionava essa mídia como “*mecanismo disciplinar*” (NÓBREGA e SANTOS, 2014) para a própria Clarice e suas leitoras?

Para discutir essa Clarice jornalista, que buscava em seus textos significar o papel da mulher, a pesquisa descrita teve por objetivo identificar e analisar, por meio dos recursos lexicogramaticais utilizados na obra *Só para Mulheres. Conselhos, receitas e segredos*, as características semântico-discursivas reveladoras de emoção, julgamento e apreciação, para compreender como a autora representava a mulher da época e como as questões ideológicas e culturais emergiam de seu discurso. Assim, orientaram a pesquisa as seguintes perguntas: (1) quais elementos lexicogramaticais são utilizados pela autora para indicar emoção, julgamento e apreciação? (2) Quais participantes e circunstâncias estão envolvidos nessa representação? (3) Como os sentidos depreendidos dessas escolhas lexicogramaticais revelam posicionamentos ideológicos e culturais indicadores do papel da mulher nos anos 50 e 60?

O estudo toma como referencial teórico os conceitos fundantes da linguística sistêmico-funcional, doravante LSF, apresentados por Halliday e Matthiessen (2004, 2014) – contexto de cultura, contexto de situação, noções de registro, relações e modo na dinâmica

discursiva; a teoria *Appraisal*, traduzida no Brasil por Avaliatividade, discutida por White (2004), Martin e White (2005), especificamente quanto ao subsistema de *atitude*, que contempla os aspectos relacionados a emoção, julgamento e apreciação.

Os dados de pesquisa, ou seja, os textos selecionados para análise foram submetidos ao programa computacional WordSmith Tools 5.0 (SCOTT, 2009) e, a partir dos mapeamentos oferecidos pelas ferramentas disponíveis (lista de palavras, concordanciador), foram organizadas categorias que nos permitiram destacar os elementos da lexicogramática mais recorrentes nos textos, para estudá-los em sua relação com o cotexto e com os contextos de cultura e de situação (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). A partir desse primeiro mapeamento, os textos foram discutidos com foco na avaliatividade e sua subcategoria *atitude*, que compreende as emoções, o julgamento e a apreciação (MARTIN e WHITE, 2005).

Para adentrar na obra *Só para Mulheres* e dialogar com as colunas femininas de Clarice, optou-se, primeiramente, por conhecer trabalhos científicos de pesquisadores que já demonstraram interesse pela Clarice jornalista. Os citados a seguir compõem o estado da arte relacionado ao foco desta pesquisa.

Brito (2006), na perspectiva da Análise do Discurso de linha Francesa, analisa a linguagem da coluna *Feira de Utilidades*, de Clarice Lispector, assinada com o pseudônimo de Helen Palmer. A análise considera a construção do discurso de Clarice Lispector nas colunas de jornal. Nunes (2008) desvenda a Clarice das colunas de jornais com pseudônimo de Ilka Soares. Discute as publicações femininas de Clarice, e até onde ela conseguia, nas entrelinhas, contradizer as regras da imprensa voltadas para mulheres dos anos 60.

Pajolla (2010) discute, em sua tese de mestrado, a construção da identidade da mulher nas crônicas de Clarice, considerando-as marcos do estereótipo e do preconceito de gênero vigentes na época. Em estudo anterior (2009), essa mesma autora já destacava as vozes femininas nos textos de Clarice Lispector, porém, referentes às décadas de 60 e 70. O foco recaía em uma Clarice que privilegiava não a mulher burguesa, elitista e detentora do capital, mas uma mulher simples, doméstica, com uma vida cercada de repressão e opressão.

Hoffman *et al.* (2010) desenvolvem um trabalho de pesquisa sobre a Clarice jornalista, sobre sua concepção das mulheres da época, bem como sobre a ironia crítica usada por ela em alguns textos e a representação da mulher.

Betta, Leitão e Moura (2012), por meio da obra jornalística de Clarice nos anos de 1950-60, discutem a dominação da figura masculina não só pelo cultural, mas também pela linguagem e como se formam as representações de homem-mulher na tradição.

Nóbrega e Santos (2014) ressaltam a vida cotidiana da mulher nas obras de Clarice, considerando o estilo comportamental do século passado, a representação do “adequado e do inadequado” para as mulheres, o patriarcado e o papel do homem como provedor, e o da mulher como ser passivo.

Este artigo, por sua vez, investiga as construções linguísticas utilizadas por Clarice, em busca de compreender o que representavam na época. Apresenta, na Fundamentação Teórica, os conceitos da LSF relacionados ao foco da pesquisa, com base nos autores citados nesta Introdução, e também o subsistema de *atitude* da teoria da Avaliatividade, além de referências à Clarice Lispector, sua vida e obra literária; na Metodologia, o contexto literário relativo à obra *Só para Mulheres. Conselhos, receitas e segredos*, os procedimentos para mapeamento dos dados, bem como os critérios de análise; em Análise e Discussão de Resultados, excertos são discutidos à luz da teoria; ao final, são apresentadas Considerações relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa e aos resultados encontrados.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, os teóricos já selecionados para sustentar as discussões neste trabalho. Para tal, apresenta uma discussão sobre os conceitos-chave da LSF, teoria a partir da qual este estudo se sustenta, e da teoria da Avaliatividade, mais especificamente o subsistema de *atitude*, que orienta a análise e discussão dos dados. A seção apresenta, também, dados biográficos e literários de Clarice Lispector, situando a autora e a obra analisada no contexto cultural da época de 1950/1960. Buscando apoio nas áreas de História, Sociologia e Antropologia, a mulher dos anos 50 e 60 é

representada, por tratar-se de personagem principal para quem Clarice Lispector escreve nas colunas de jornais da referida época.

## **2.1 A interlocução Linguística Sistêmico-Funcional – contexto de Clarice Lispector**

Esta seção tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, os teóricos selecionados para sustentar as discussões neste trabalho, articulando tal discussão ao contexto literário de Clarice Lispector. Iniciamos situando os estudos sistêmico-funcionais da linguagem. A linguística sistêmico-funcional (LSF) considera a seguinte premissa: a estrutura social é inerente ao sistema linguístico, ou seja, a estrutura social é inseparável, constitutiva do sistema linguístico. É a linguagem que nos possibilita representar e interpretar o mundo em todas as suas dimensões: a física, a social, a individual, a política, etc. É a linguagem que possibilita ao ser humano interagir em situações de comunicação, seja na variedade oral ou escrita da língua.

Nessa perspectiva, considerando as possibilidades de uso social da língua, recorremos a Halliday (1985/1994) e Halliday e Matthiessen (2004, 2014), que organizam seus estudos e estabelecem a noção de metafunções da linguagem, considerando-as intrínsecas às diferentes línguas; e mais: considerando o fato de que ocorrem simultaneamente nos momentos em que o ser humano faz uso da língua.

Essas escolhas para a comunicação, que nos possibilitam transmitir e interpretar as emoções humanas, são influenciadas diretamente pelo meio no qual o sujeito se desenvolve: o contexto de cultura, que está relacionado ao período histórico, aos ideais políticos e sociais, carregando consigo as questões ideológicas.

Na época em que Clarice Lispector se dedicava às colunas de jornais, o cenário brasileiro estava marcado por um *capitalismo tardio* (MELLO e NOVAIS, 1998) que reinventava as estruturas políticas após o suicídio do presidente Getúlio Vargas (1954). Em 1955, quando Juscelino Kubistchek assume a presidência, propõe o *50 anos em 5*, que pregava uma modernização econômica no país. É após essa iniciativa que a economia brasileira se abre para o mercado externo. O ideal de vida norte americano chegava ao território do maior país da América Latina. O Brasil aceitou a proposta para uma nova vida

com toda a idealização de um povo colonizado, que espelhava seus passos nos almeados padrões de consumo do então império estadunidense. Essa abertura de mercado permitiu a entrada dos bens de consumo no Brasil: os alimentos industrializados, a panela de pressão, a lâmina de barbear, os *bobs* de plástico para encaracolar cabelos e as marcas de cosméticos como Avon (MELLO e NOVAIS, 1998, p.564-5). O pontapé inicial para o consumismo havia sido dado e foi abraçado com intensidade pelo povo brasileiro.

Uma mudança de alta relevância no patamar das questões de gênero foi a do vestuário. Não que tenha desconstruído o sistema patriarcal (que, aliás, até hoje está em evidência no cotidiano das anônimas Clarices), mas, pela primeira vez, a mulher poderia fumar em público e usar calça comprida, hábitos que apenas os homens poderiam cultivar nas ruas. Na coleção de textos do livro *História da vida privada no Brasil*, Mello e Novais (1998, p.571) citam, com clareza, o cenário da revolução do vestuário feminino:

Para a mulher, talvez o fato mais significativo tenha sido a incorporação da roupa masculina no início dos anos 60, especialmente da calça comprida - um espanto para os mais tradicionalistas -, mas, também, da camiseta, do tênis, do paletó, da alpargata, da havaiana. Outro fato que provocou a reprovação dos caturras: mulheres fumando, fumando em público!

Esses dados salientam a discussão sobre a importância do contexto de cultura. A mídia também caminha paralelamente com as engrenagens da história. Clarice, enquanto colunista, precisava, por meio de seus pseudônimos, reforçar os ideais da época. Considerando isso, adentra-se no objeto (seus textos) produzido em decorrência do estado do sujeito (escritor) dentro do contexto acima (cultura). Na Linguística Sistêmico-Funcional, a elaboração do objeto é produzida a partir do contexto de situação, que está intimamente ligado ao contexto de cultura.

Na mesma direção dessa discussão, podemos destacar o que dizem Fiorin e Platão (2003, p.13), quando discutem o texto:

(...) toda leitura, para não ser equivocada, deve necessariamente levar em conta o contexto que envolve a passagem que está sendo lida, lembrando que esse contexto pode vir manifestado explicitamente por palavras ou pode estar implícito na situação concreta em que é produzido.

Percebemos, por meio das representações, que o contexto de cultura abarca o contexto de situação. Mais que isso: eles são indissociáveis. O contexto de situação, segundo Halliday (1985/1994), é composto por três metafunções: a ideacional ou experiencial, que indica a experiência do sujeito (o que foi escrito); a interpessoal (para quem algo foi escrito); e a textual (como foi escrito).

Didatizando a noção das metafunções, podemos considerar que a metafunção ideacional ou experiencial realiza-se gramaticalmente para permitir ao ser humano representar sua experiência de mundo aos interlocutores. Essa representação se concretiza pelo sistema denominado por Halliday de transitividade, constituído das escolhas lexicogramaticais que indicam o fluxo (o trânsito) da experiência do ser humano. O fato de constituir-se de escolhas lexicogramaticais, aliado ao fato de o ser humano comunicar-se por meio de enunciados gramaticais, nos permitem considerar que a transitividade realiza-se a partir de um conjunto de elementos da gramática, organizados com base nas orações e seus elementos constituintes, denominados processos (grupos verbais), participantes (grupos nominais) e circunstâncias (grupos adverbiais ou frases preposicionadas) (HALLIDAY, 1985/1994).

Eggin (1994, p.229) reafirma a posição assumida por Halliday, ao dizer:

Assim, descrevendo a gramática da oração como representação, nós não estamos somente descrevendo as diferenças entre tipos de processos, mas também estamos associando as diferenças aos papéis funcionais dos participantes e à possível seleção de circunstâncias.

Avançando na discussão sobre a forma como as orações organizam-se para produzir significados, podemos iniciar com os processos, pois é a partir deles que são reveladas as ações praticadas / produzidas pelos seres humanos.

Em um primeiro movimento, Halliday (1985/1994) distingue os processos que indicam experiências externas sobre o mundo dos que indicam experiências internas (processos da consciência). Nesse sentido, temos duas categorias: processos materiais e processos mentais. Ampliando essa classificação, surgem os processos que permitem generalizar, isto é, que permitem estabelecer relações entre diferentes fragmentos de experiência para classificar e relacionar: processos relacionais.



Esses processos – materiais, mentais e relacionais – são considerados por Halliday como os principais. No entanto, pelo fato de serem tênues os limites entre um processo e outro, uma segunda classificação foi estabelecida, indicando processos que compartilham características de seus vizinhos e, ao mesmo tempo, apresentam características próprias. Assim, entre os processos materiais e os mentais, estão os denominados comportamentais, que exprimem ou manifestam comportamentos internos dos seres humanos, ou seja, externalizam o que se passa na consciência, indicam estados fisiológicos ou psicológicos. Entre eles, estão, por exemplo, espirrar, tossir, respirar, dormir, sonhar, etc. Entre os processos mentais e os relacionais, estão os denominados verbais, que externalizam o que se passa na consciência humana por meio do dizer. Exemplificam esses processos o falar, o contar, o pedir algo, o informar, o perguntar, entre outros. Entre os processos relacionais e os materiais, estão os denominados existenciais, que permitem o reconhecimento de um dado fenômeno, sua existência. São exemplos desses processos: haver e existir.

Uma vez conhecidos os processos, é preciso entender os elementos que os acompanham na oração: os participantes e as circunstâncias, categorias semânticas que, por meio da lexicogramática, indicam a realidade considerada a partir do processo. Um aspecto importante a ser observado é que participantes não são indicativos apenas da pessoa do discurso. Não representam somente os seres humanos, mas sim todos os elementos que estão envolvidos diretamente no processo. Os estudos propostos nesta pesquisa buscam, por meio de todos esses conceitos, analisar, a partir das escolhas lexicogramaticais, os textos de Clarice Lispector.

É grande a quantidade de recursos linguísticos que nos permitem apresentar opiniões e emoções, revelando representações sobre algo de nossa experiência. Esses significados podem escapar à metafunção experiencial e aos estudos da transitividade, e envolvem o que Halliday chama de metafunção interpessoal da linguagem, ou seja, o modo como as relações são estabelecidas nos textos. Martin e White (2005), baseados na semântica do discurso, e ancorados nos estudos de Halliday, desenvolveram a Teoria da Avaliatividade (*Appraisal System*), que trabalha com o princípio da valoração da palavra.

Essa teoria é prioritária na pesquisa desenvolvida, pois, por meio dela é possível identificar as questões de valor social referentes à obra de Clarice Lispector, em direção ao



que se pretende como objetivo de pesquisa. Martin e White (2005), ao discutirem a avaliatividade, destacam o fato de que nem sempre os itens lexicogramaticais, isoladamente, nos permitem compreender o significado de um texto em um contexto específico. Os autores insistem na ideia de que para compreender como os textos significam, é preciso analisar as relações que os itens lexicogramaticais estabelecem entre si, quando inseridos em um texto, pois, dependendo de sua organização, é possível depreender um ou outro significado.

Partindo dessas discussões é que Martin e White (2005) organizam a teoria da Avaliatividade, teoria aprofundada ao longo da pesquisa, a partir de outras leituras, como: Cabral (2008), Avelar e Azuaga (2002), Rodrigues (2013), Vian Jr. (2009, 2012), dentre outros.

As discussões também são sustentadas pela teoria desenvolvida por Bakhtin (1999), com foco no conceito de discurso e suas consequências quanto à ideologia. Essa discussão é essencial para explicar como um autor pode, por meio de seus textos, mostrar, mesmo implicitamente, suas ideias e pontos de vista. Já na direção dos estudos jornalísticos, Dittrich (2003), professor universitário, discute a linguística que constrói o jornalismo; esse foco recai na ideia de como a argumentação contextualizada pode atingir o público leitor.

Outros autores de trabalhos relacionados à área da Teoria da Avaliatividade e linguagem foram escolhidos ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Quanto ao contexto social, este trabalho toma como orientação autores que evidenciam o papel da mulher ao longo da história e da cultura brasileiras, como Del Priori (2013), que focaliza a figura social da mulher, representada por Clarice em sua obra; e Silva (2009), que, em sua pesquisa de mestrado, fala das vozes femininas na América Latina, ressaltando a crítica feminista na escrita.

## **2.2 Teoria da Avaliatividade**

Toda forma de expressão é resultado de uma escolha entre várias possibilidades da linguagem. De acordo com o que se quer dizer, usa-se uma ou outra forma para dar força à persuasão a fim de que o leitor sinta-se convencido a respeito do que se diz. É uma tática do *como dizer*. Essas escolhas são resultados do conhecimento que o sujeito carrega em si. Como

suporte para a pesquisa apresentada, a Linguística Sistêmico-Funcional é usada como uma ferramenta para a interpretação dessas escolhas.

A Linguística Sistêmico-Funcional, desenvolvida por Halliday (1985/1994) e ampliada por Halliday e Matthiessen (2004; 2014), parte da premissa das metafunções da linguagem em uma perspectiva sociosemiótica. A metafunção é entendida como as variadas funções da língua, as várias formas de interpretação de uma mesma palavra. Dessa forma, a LSF cuida de analisar as possibilidades e escolhas lexicogramaticais usadas em um discurso e os fatores contextuais envolvidos nessa relação. Nela, texto e contexto estão intimamente ligados. Indissociáveis um do outro. Segundo Martin e White (2005, p.7), “*a LSF funciona como uma lente para direcionar as diversas noções de significados*”.

Com base nos estudos de Halliday, Barbisan (1995, p.54) ressalta que o “*texto é objeto no sentido próprio, é instância de significado social num contexto particular de situação. É um produto de seu contexto, produto de um contínuo processo de escolhas no significado(...)*”. Texto é, portanto, um desdobramento de ideias dentro de um determinado período que considera o *contexto de situação*. Essa expressão, também dada por Halliday, refere-se ao presente imediato em que o texto é elaborado, em que está em funcionamento. É o acontecimento no tempo do texto. Esse contexto de situação é composto por elementos de campo, onde acontece o discurso; relação de participação dos envolvidos; e modo, que indica a forma como a linguagem é organizada.

Como já dito anteriormente, três são as categorias: (1) ideacional, que está ligada a vivência de mundo e experiências do indivíduo; dessa categoria emergem os ideais como crença, política e conceitos daquele que produz o discurso. (2) interpessoal, que diz respeito às interações estabelecidas a partir dos papéis dos participantes *Ethos e Pathos* (autor/leitor) e das relações sociais desenvolvidas por eles; essa categoria revela uma relação de troca entre quem escreve, quem lê e sobre o que se fala; há sempre uma iteração em movimento. (3) textual, que desempenha a função de como é distribuída a informação, como é organizado o texto.

Já a Teoria da Avaliatividade analisa a valoração da palavra em três subsistemas: (1) a Atitude, que se refere às avaliações positivas e negativas presentes no discurso; (2) o Engajamento, que diz respeito às vozes presentes no discurso; (3) a Gradação, que ameniza ou

intensifica a semântica. A discussão proposta neste trabalho está orientada pelo subsistema *Atitude*, tratado na próxima seção.

### 2.2.1 Subsistema de Atitude

Tratando da língua, Vossler (*apud* BAKHTIN, 1999, p.75) tece a seguinte consideração: “*a própria ideia de língua é por essência uma ideia poética; a verdade da língua é de natureza artística, é o belo dotado de sentido*”. Assim, para cada sentido existe um valor para delimitar esse belo. As linhas que delimitam esses valores foram estudadas de forma mais precisa por Martin e White (2005), a partir do subsistema *Atitude*.

A *Atitude* diz respeito às ideias que o locutor faz em relação ao seu conhecimento e visão de mundo; seus ideais, seus valores, suas avaliações perante fatores sociais, de forma implícita ou explícita. Isso depende de que tipo de autor se constrói no texto e que tipo de leitor é construído pelo autor. A *Atitude* é dividida em três ramificações ou regiões semânticas: afeto, julgamento e apreciação.

O *afeto* refere-se às avaliações positivas e negativas que o indivíduo mostra por meio da linguagem. Está ligado às emoções humanas (triste-feliz; amor-ódio) relacionadas aos demais indivíduos, a objetos e a eventos. Pode ser implícita ou explícita e se revela no discurso. Este nem sempre condiz com a coerência de seus valores, pois é flexível de acordo com o que se pretende atender de um determinado público. Amossy (2013, p.121) comenta:

O professor universitário, o padre, o político, o escritor proferem um tipo de discurso que extrai sua eficácia do fato de que eles são, aos olhos de seu público, habilitados a produzi-los.

A figura de quem produz o discurso também é determinante para seu efeito, pois, para o leitor, a autoridade da palavra está na forma e no papel de quem a exerce.

Halliday (1985/1994) ressalta ser possível manifestar afeto de diferentes maneiras, gramaticalmente. Em outras palavras, o afeto pode ser manifestado por meio de processos, de participantes e de circunstâncias. Caetano (2014, p.17), a esse respeito, destaca que o afeto pode ser realizado por meio de diversos recursos gramaticais, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1: Manifestação do afeto: recursos gramaticais

Afeto como qualidade	
Uso de adjetivos (epítetos) para descrever participantes	(...) chegam à <b>tristíssima</b> conclusão de que se enganaram redondamente na escolha (...)
Uso de atributo para atribuir qualidades	Se você está sempre <b>triste</b> com sua aparência (...)
Uso de circunstância como modificador de processo	Se você pretende casar-se, encare <b>alegramente</b> (...)
Afeto como processo	
Uso de processos mentais (percepção afetiva)	Em forte dose, o tabaco (...) <b>enfraquece</b> a vontade.
Uso de processos comportamentais (comportamento afetivo)	Não <b>chore</b> porque seu filho patina dentro de casa (...)
Afeto como comentário	
Uso de adjuntos modais	Felizmente, a mulher moderna já está aprendendo, aos poucos, a combinar (...)

Fonte: elaborado pelas autoras, com base em Caetano (2014, p.17).

Um exemplo selecionado da obra analisada nesta pesquisa é o pseudônimo *Ilka Soares*. Clarice, em *Diário da Noite*, passava-se por uma *ghost writer* assinada pelo nome de Ilka Soares. A fama de uma artista do cinema contribuiria de forma expressiva para a veiculação do jornal, retomando a ideia do quão importante se torna a pessoa do discurso, pois, em suas dicas, atingiria com mais eficácia o público feminino.

Em textos assinados por Helen Palmer também é possível encontrar exemplos de uso do afeto apresentado como comentário:

### Exemplo 1

Por outro lado, existem óculos modernos elegantíssimos (...) **Felizmente**, a mulher moderna já está aprendendo, aos poucos (...) (Helen Palmer, *Por que não usar óculos*, Correio da Manhã)

O Julgamento trata da aprovação ou da reprovação em relação ao comportamento social de um indivíduo. É dividido em duas partes: (1) estima social, que está ligada a quão bom ou ruim algo pode ser em relação ao comportamento de alguém; (2) sanção social, que é estabelecida a partir de instituições reconhecidas pela sociedade (igreja, Estado, etc.), acarretando um peso social maior, pois possui regras e punições. O exemplo 2 destaca um julgamento de estima social do tipo anormalidade.

### Exemplo 2

Não use joias verdadeiras com fantasias. Faça o possível para não **se empetecar demais** com elas. (...) Você não é nem vitrine de joalheiro, nem a Virgem do Pilar. (Tereza Quadros, *O que você não deve usar*, Comício)

Por fim, a Apreciação. Diretamente associada à estética, essa vertente envolve o grau de admiração e de aceitação da aparência de algo ou de alguém. Implica, em especial, o uso de adjetivos no discurso. A intensidade também é levada em consideração a fim de aceitar ou repelir algo. No exemplo a seguir, a apreciação é do tipo qualidade, marcada pelo léxico:

### Exemplo 3

[vestir-se e apresentar-se bem é] Tão **importante** quanto a própria idade, com relação às modas, à maquiagem e aos penteados. (Helen Palmer, *Hora e tempo para tudo*, Correio da Manhã)

A seção seguinte amplia a visão de Clarice na literatura.

## 2.3 Clarice Lispector e a literatura

A geração do século XX trouxe para o Brasil uma relevante riqueza cultural no campo da literatura. Nomes como Drummond, Vinícius de Moraes, Cecília Meirelles deslumbraram a encantadora segunda geração modernista no Brasil. Os prelúdios da quebra da tradição pela forma metódica das poesias metrificadas já haviam sido evidenciados no Modernismo, em 1922. Mas, é em 1945 que surge o Neomodernismo, marcado pela invenção de uma nova forma do dizer. A singularidade da palavra havia sido aberta por novas veredas de grandes nomes do Nordeste da *terra brasilis*: João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa e a escritora do indizível a quem é voltada esta pesquisa, Clarice Lispector.

Embora tenha nascido na Ucrânia, Clarice veio para o Brasil com dois meses de idade e se naturalizou brasileira. Cresceu em Pernambuco e, posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde formou-se em Direito. Clarice inaugurou uma nova estilística na literatura brasileira; para ela, interessava muito mais a repercussão do indivíduo do que os fatos em si. Seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, publicado em 1943, ganhou destaque pelo estilo introspectivo: o ser voltado para si e suas indagações quanto a ceticismo moderno, dramas, expressos pela autora:

Deus, por que não existes dentro de mim? Por que me fizeste separada de ti? (...) eu nada posso fazer e apenas assisto ao meu esgotamento em cada minuto que passa<sup>1</sup> (LISPECTOR, 1944, p.123).

Dúvidas e angústias também estão presentes em obras posteriores: “É um nada que é Deus”<sup>2</sup> (LISPECTOR, 1973, p.77). Clarice parece traduzir de forma mais precisa o sentimento da angústia existencial do ser humano. A profundidade de Clarice parece conter uma *epifania*, um momento privilegiado de revelação, como interpretou SANT’ANA (1973, p.187). Clarice parece escrever de modo que as personagens sempre buscam o significado iluminado, um clímax de seu interior num dado momento. As personagens femininas de Clarice Lispector, embora não fossem revolucionárias no sentido de militar por uma causa,

---

<sup>1</sup> Trecho selecionado da obra LISPECTOR, C. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: A Noite, 1944.

<sup>2</sup> Trecho selecionado da obra LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

tinham um aspecto peculiar e plausível de relevância: sempre estavam em busca do eu. Do (re)conhecer. Da descoberta de si.

Em seu livro de grande repercussão, *A hora da estrela*, publicado em 1977, podemos ver, com clareza, a importância do “autoconhecimento” da personagem. Macabéa, datilógrafa à margem de qualquer status social de poder, sempre cheia de indagações consideradas irrelevantes pelos outros personagens da trama, na cena em que morre, parece ter enfim se encontrado: “*Enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais Macabéa, como se chegasse a si mesma*”<sup>3</sup> (LISPECTOR, 1998, p.82).

Essa Clarice cativante dos corações angustiados, em 1950, é convidada a participar de colunas de jornais por Rubem Braga, com seções que tratavam da beleza e apresentavam dicas de comportamento feminino. A escritora parecia distanciar-se da identidade literária que havia firmado, escrevendo, então, para os jornais de forma impessoal (usando os pseudônimos Ilka Soares, Tereza Quadros e Helen Palmer). Mas, ainda assim, havia a Clarice. Agora, superficial e menos submersa em si, no entanto, ainda Clarice.

Com base nessas entrelinhas dos “porquês” de uma nova Clarice que surgiu nas colunas jornalísticas, é que esta pesquisa intui em desenvolver, fazer emergir dos veículos de massa a Clarice que *cosia para dentro*, para entender, tendo como aporte teórico a Teoria da Avaliatividade, as possibilidades de tantas Clarices em Clarice.

## 2.4 A mulher nos anos 50 e 60

O processo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) impactou profundamente a sociedade ocidental em diferentes aspectos. Para os fins de nossa exposição, cabe observar que, no que diz respeito às relações de gênero, a mulher obteve a relevância social que antes não tinha nos espaços públicos. Seja pela crescente necessidade, durante os anos da guerra, em assumir o papel produtivo do marido nas fábricas, seja combatendo lado a lado no esforço de deter o avanço das potências do eixo. Nesse sentido, a guerra foi capaz de alterar os arranjos sociais tradicionais que, até então, o mundo ocidental estava acostumado. O homem,

---

<sup>3</sup> Trecho selecionado da obra LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.



ausente, nos campos de batalha, teve de ceder espaço ao protagonismo feminino em relação à vida cotidiana. O então constituído império Estados Unidos, representante oficial do capitalismo gestado pelo poder de estado, utilizou a produção dos bens de consumo (geladeira, fogão elétrico, ferro de passar, etc.) como mecanismo para difundir o exemplo de avanço civilizacional que o capitalismo poderia oferecer com base na lógica do consumo.

A partir dos anos 50, o Brasil foi marcado pela ideologia política do então presidente Juscelino Kubitschek, orientada pelo nacional desenvolvimentismo. Sua proposta ancorada nos *50 anos em 5*, como já dissemos, aspirava modernizar o país. O plano de modernização viabilizou-se pela inovação da abertura do mercado externo. Foi assim que os anos 50 assistiram ao aumento da produção de bens de consumo. Tornara-se possível, graças à divulgação do aparelho televisor, ver as estrelas do cinema como Marilyn Moore assumirem, no cotidiano da classe média brasileira, uma espécie de ideal de beleza. Com a presença da romantização dos padrões de comportamento feminino, o papel da mulher sofreria, mais uma vez, uma mudança irreversível: o corpo como objetificação dos arbitrários valores estéticos.

A mulher teve sua representação progressivamente modificada em função de fatores econômicos, culturais, sociais e políticos. De acordo com HOBBSAWN (1995, p.305), “*As mulheres também entraram, e em número impressionantemente crescente, na educação superior, que era agora a mais óbvia porta de acesso às profissões liberais*”.

A mulher brasileira foi, paulatinamente e de forma muito camuflada, sentindo as mudanças nas relações de gênero, pois era associada aos tradicionais papéis que desempenhava na vida social da época colonial, a fim de reforçar o ideal da mulher ligada à vida doméstica. No entanto, o ideal de consumo havia sido lançado e era necessário que atendesse às expectativas de mercado. Assim, não foi incomum observar-se, nessa época, a incontável disseminação de anúncios propagandísticos que apontavam a mulher como naturalmente intrínseca ao lar. Surgiam imagens associadas à modernidade pelo aspecto de novas tecnologias, mas sem deixar de afirmar o patriarcalismo como relação hierárquica nas vozes do poder, enquanto a mulher tinha a sua abafada, sem muitas vezes sequer perceber.

Pelos anos 50 e 60, a mulher permanecera oprimida pelo peso da tradição, agora maquiada pelo uso de importações de bens para o consumo, operadas pelo governo JK. Utensílios tais como cosméticos, maquiagem, cremes estavam dispostos no cinema, na TV,

nas prateleiras das lojas. Nas prateleiras das casas das mulheres que aspiravam ascensão social de alguma forma, elas estavam lá, ganhando seu espaço.

A mulher, nos anos 50 e 60, era, no Brasil, aquela que almejava alcançar seu lugar. Como se tivesse sido dado um passo para o início de uma emancipação, ainda que disfarçado pelos bens de consumo. O espaço público passou a aceitar a mulher dos anos 50, não como disputadora, com o homem, pelo poder público, mas como consumidora, apenas; como reprodutora da família ordeira e feliz. Nesse sentido, o embelezamento, a modernidade tecnológica, a autoconfiança e a feminilidade própria das estrelas de cinema eram os ditames culturais que fizeram os contornos ideológicos da imagem feminina na época.

## 2.5 Os jornais *Diário da Noite*, *Correio da Manhã* e *Comício*

O samba de Ataulfo Alves, “*Amélia*”, lançado em 1941, representava, por meio de sua letra, a figura de uma mulher submissa, anulada pelos prazeres do marido, serva e resignada a ser uma boa esposa e mãe. A música era só mais um reflexo da construção social onde a representação de valor parecia estar voltada apenas para a figura masculina. Veículos de comunicação apresentavam, também, uma forma de reforçar o interesse patriarcal e afirmar o papel de objeto da mulher, tendo como sujeito o homem.

Foi no jornal *Comício*, em 1952, que Clarice fez sua estréia como colunista na seção “*Entre Mulheres*”, assinada pelo pseudônimo de Tereza Quadros, dando dicas de preservação do lar, cuidado com a casa e consigo mesma:

Quando o creme estiver amornado e as compressas muito quentes, faz-se com esses ingredientes uma espécie de sanduíche que se aplica sobre o rosto, cobrindo-o com uma toalha felpuda também embebida em água quente (*Comício* – Tereza de Quadros – 1952).

No *Correio da Manhã* (1959), Clarice foi Helen Palmer, caracterizada por dar dicas de beleza e de comportamento, ressaltando as marcações da submissão impostas para a mulher:

Seja discreta, e veja como os que a cercam tomarão a iniciativa de colocá-la em lugar de destaque, desde que você possua qualidades para isso (*Correio da Manhã* – Helen Palmer – 1960).

No *Diário da Noite*, em 1960, Clarice estreia como *ghost writer* em sua coluna “*Só para mulheres*”, assinando como Ilka Soares. Ilka, artista do cinema e modelo, foi referência de beleza nas décadas de 50 e 60 no Brasil. Segundo Gotlib (2009), na época, “*as duas mulheres, Ilka e Clarice, encontravam-se algumas vezes para conversar assuntos da coluna: conversavam sobre moda, trocavam receitas, selecionavam fotografias*”.

Os textos sob o pseudônimo de Ilka enfatizavam a maneira de se portar socialmente, mas, principalmente, a estética da mulher, algo completamente viável para o jornal em termos de veiculação, uma vez que era assinado por uma referência de padrões de beleza da época. Em geral, sempre traziam à tona as polaridades de feio e belo, a fim de contrapor as vantagens/desvantagens de ser/estar/sentir-se bela e de ser/estar/sentir-se feia.

Você é “moralmente” tão antiquada a ponto de considerar a vaidade feminina uma frivolidade? Você já devia saber que as mulheres querem se sentirem bonitas para se sentirem amadas. E querer sentir-se amada não é frivolidade (*Diário da Noite* – Ilka Soares – 1960).

Os jornais *Diário da Noite*, *Correio da Manhã* e *Comício* tinham uma característica comum: a de cumprir, com precisão, a categorização do papel social da mulher. As colunas assinadas pelos pseudônimos Ilka Soares, Helen Palmer e Tereza Quadros possuíam uma linguagem coloquial, a fim de atingir várias camadas sociais e ressaltar assuntos como: utilidades do lar, conselhos em relação a aparência e comportamento e dicas a fim de erradicar qualquer ideia que fugisse da tradição conservadora do conceito de “*ser mulher*” nas décadas de 50 e 60. As “*Amélias*” só tinham lugar nas músicas, nos jornais, na TV, porque falavam em como ser melhor para o outro, não para si. O apagamento das mulheres como sujeitas de sua história só enfatizava a maneira de ganharem espaço sem serem moralmente julgadas e condenadas, tendo sua voz, enquanto indivíduo, silenciada. É para essa mulher que Clarice escreve nos tabloides e jornais da época.

### 3 METODOLOGIA

De base qualitativa, caracterizada como pesquisa documental, esta investigação da obra *Só para Mulheres. Conselhos, receitas e segredos* fez uso do software *WordSmith Tools 5.0* (SCOTT, 2009) para mapear os dados linguísticos e observar a frequência com que ocorreram determinados elementos da lexicogramática. Aleatoriamente, foram escolhidos 20 (vinte) textos dentre os que compõem a obra. Estes foram digitalizados e submetidos ao programa *WordSmith Tools*. A partir da lista de palavras e de linhas de concordância, foram escolhidos trechos para a discussão e, a partir deles, criadas categorias dos dados, que emergiram dos mapeamentos produzidos com o uso do *WordSmith Tools*.

Uma linha de concordância apresenta a palavra ou expressão que está sendo investigada – denominada palavra de busca –, inserida em seu contexto natural de ocorrência, ou seja, a palavra de busca circundada pelo contexto em que ocorre. Segue um exemplo de linhas de concordância, selecionado dos textos de Clarice Lispector, sendo “mulher” a palavra de busca:

Quadro 2: Linhas de concordância com a palavra de busca “mulher”

é importantíssimo para uma **mulher** que deseja ser mais bonita  
penteados os menos indicados. Uma **mulher** elegante não faz isso  
no descobrir seu próprio rosto a **mulher** que você seria se fosse mais atraente  
às proporções do corpo de uma **mulher** idealmente “perfeita”, segundo os  
proporcionada e perfeita a **mulher**, entre 19 a 26 anos, que, andando  
esporte, por exemplo. Aliás, para **mulher** esportiva o melhor é um tom claro  
uma

Fonte: elaborado pelas autoras.

Os dados digitalizados e analisados foram codificados do seguinte modo:

- textos de Clarice com o pseudônimo de Ilka Soares, no Diário da Noite: i\_dn\_n°.txt (onde n° indica o número do texto de Ilka Soares).
- textos de Clarice com o pseudônimo de Helen Palmer, no Correio da Manhã: h\_cm\_n°.txt (onde n° indica o número do texto de Helen Palmer).

- textos de Clarice com o pseudônimo de Tereza Quadros, no Comício: t\_cm\_nº.txt (onde nº indica o número do texto de Tereza Quadros).

Uma vez mapeados os dados, foram criadas, inicialmente, 3 categorias, relacionadas a: afeto (expressões indicativas de emoção), julgamento (expressões indicativas de avaliação do comportamento humano) e apreciação (expressões indicativas de atribuição de valor estético a algo). Assim, foram identificados os recursos lexicogramaticais que realizam significados nessas 3 direções. Em pesquisa futura, o que se pretende é criar outras categorias que indiquem e aprofundem as diferenças entre cada uma das Clarices representadas na obra: Helen Palmer, Ilka Soares e Tereza Quadros.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Esta seção destina-se à análise e discussão dos dados de pesquisa. Conforme dito anteriormente, os dados foram categorizados, em busca de responder as perguntas de pesquisa. É apresentada, a seguir, a discussão realizada, destacando as escolhas lexicogramaticais de Clarice Lispector sob os pseudônimos de Ilka Soares, Helen Palmer e Tereza Quadros quanto à categoria de *Atitude* e às subcategorias de *afeto*, *julgamento* e *apreciação*.

Em um dos textos estudados, intitulado: “*Aparências: tudo tem seu jeito*”, Clarice, assumindo-se Ilka Soares, aponta a questão da vaidade feminina ser tratada como uma frivolidade e afirma que, no que diz respeito à aparência, sempre há uma solução:

##### **Excerto 1**

Se você pensa que “nasceu” assim, e não tem jeito, fique certa de que está é desistindo de uma coisa muito importante: de sua própria capacidade de atrair. Quer saber de uma coisa? **Obesidade** tem jeito. Cabelos sem vida têm jeito. Rosto sem graça tem jeito. Tudo tem jeito. (i\_dn\_1.txt)

Considerando o trecho acima, Clarice exemplifica com certa arbitrariedade a obesidade, esboçando os primeiros pressupostos da linha de pesquisa deste trabalho, na perspectiva da esfera do julgamento. Na década de 60, período em que o texto foi produzido, a valorização da mulher magra (apreciação) acentuava-se, de forma que toda mulher que estivesse fora desse parâmetro estético fosse vista com preconceito aos olhos da sociedade.

Nesse contexto de cultura e situação, em que o estereótipo feminino é moldado, percebemos, no mesmo texto, uma contradição:

### Excerto 2

O remédio? O remédio é não ser uma **desanimada** triste. E o outro remédio é ter como objetivo ser um “você mesma” mais **atraente** – e não o de atingir um tipo de beleza que nunca poderia ser seu.  
(i\_dn\_1.txt)

Clarice pontua que o melhor remédio é ser você mesma, e não tentar se encaixar em nenhum padrão. Em um mesmo discurso dá extrema importância aos rótulos impostos pela sociedade, e, ao mesmo tempo, implicitamente, propõe desconstruir toda essa imposição. No trecho analisado, pode-se pressupor que Clarice vai ao encontro do mercado da época em que veiculava o jornal para o qual escrevia, com o intuito de comercialização, mas seus ideais são colocados nas entrelinhas, de certa maneira, negando aquele julgamento social de que a melhor forma de ser feliz, segundo ela, é ser você mesma, sem importar-se com as imposições de estereótipo de gênero.

Observemos o exemplo a seguir, que indica julgamento no âmbito da estima social, seguido de apreciação. O julgamento caracteriza-se pela escolha lexicogramatical do processo material *evitar*, que sugere um aconselhamento às mulheres em relação a algo que pode ser desaprovado socialmente. À apreciação, marcada pela presença de *elegante*, *importantíssimo* e *bonita*, segue o julgamento, apontando o que socialmente seria aceito.

### Excerto 3

**Evite** dar passos muito largos ou muito curtos. Os pés para frente.  
**Evite** andar com as pernas duras ou afastadas. [...] Um porte **elegante** é **importantíssimo** para uma mulher que deseja ser mais **bonita**.  
(h\_cm\_1.txt)

Foi possível notar que os textos de Clarice produzidos sob o pseudônimo de Helen Palmer apresentam uma característica interessante: as escolhas lexicogramaticais indicativas de julgamento, em sua maioria de estima social, são seguidas de escolhas indicativas de apreciação. Helen Palmer parece dizer às suas leitoras o que é desaprovado socialmente e, logo em seguida, o que deve ser feito para receber a apreciação social. Observemos o exemplo seguinte, em que (J) indica julgamento, (Ap) apreciação e (Af) afeto.

#### **Excerto 4**

Quase todas as moças, ao casar, **não têm a menor experiência** (J) de cozinha, não sabendo muitas delas, fritar um ovo ou temperar um bife. Assim é que **muitas dificuldades** (J) encontrarão ao se defrontarem com os **inevitáveis problemas** (J) da administração de uma casa e todos os seus importantes serviços. A futura dona de casa deve procurar, dentro do tempo que possui durante a semana, exercitar-se no trabalho de casa e de cozinha, principalmente. Muito útil será um curso de arte culinária, **inteligentemente** (J) organizado, para que as jovens apreciem e tomem parte, ao vivo, na confecção dos pratos **deliciosos** (Ap) que farão a **alegria** (Af) do marido, ao chegar em casa, **cansado** (Af) do trabalho e **desejoso** (Af) de saborear **boas** (Ap) iguarias. [...] Ao lado do aprendizado da cozinha, é **muito importante** (J) que as jovens procurem se iniciar na **sublime** (Ap) arte de cuidar de bebês, procurando a casa de uma parenta ou pessoa amiga, que tenha criança pequena e ajudá-la na tarefa de banhar, fazer mamadeira e trocar as fraldas do petiz. Esse é um aprendizado **não só**



**útil como também agradável** (J), não acham, **distintas** (Ap) noivas e pretendentes ao matrimônio? (h\_cm\_4.txt)

Vale notar que, ao final desse texto, Helen Palmer faz uso de uma pergunta retórica que enfatiza não somente o julgamento – aquilo que socialmente seria aceitável – como a apreciação, indicando seu grau de admiração às mulheres que pretendem contrair matrimônio.

Os textos produzidos por Clarice sob o pseudônimo de Ilka Soares apresentam uma outra característica: as escolhas lexicogramaticais indicam apreciação. Observemos alguns exemplos:

#### **Excerto 5**

[...] seu trabalho é no descobrir seu próprio rosto a mulher que você seria se fosse **mais atraente, mais pessoal, menos inconfundível**. (i\_dn\_1.txt)

#### **Excerto 6**

Há mulheres de quem poderíamos dizer: não têm rosto. Na verdade, de tal modo a fisionomia está “submersa”, com **traços indecisos** e cores desbotadas, que lembra um quadro apenas esboçado e nunca terminado. (i\_dn\_2.txt)

#### **Excerto 7**

Quando você era criança nunca leu história de uma princesa **linda, linda**, mas – por maldição de fada **ruim** – que não abria a boca sem que desta lhe saíssem sapos, lagartos e ratinhos?

Pois o modo moderno de saírem “cobras e lagartos” da boca **linda** de uma jovem é o de dizer muita bobagem com os lábios **perfeitamente maquiados**. Só que isso não acontece por maldição de fada **ruim**, e sim por **ignorância**, por **falta de instrução**. Uma dessas “princesas”

modernas, ouvindo uma conversa sobre Hemingway, perguntou: “Qual é o último filme em que ele trabalhou?”

Ler é um hábito que todo mundo devia ter. Não se quer dizer com isso que todos leiam “coisas difíceis”. Mesmo uma entrevista bem informada – e bem lida – pode ser uma fonte de culturazinha que pelo menos evita “cobras e lagartos”. (i\_dn\_4.txt)

Interessante, nesse excerto, é a escolha de *culturazinha* para indicar um julgamento a respeito do que socialmente é ou não valorizado. *Culturazinha* pode indicar o pouco valor dado à leitura de entrevistas – como coisas não difíceis – o que contrastaria com a cultura letrada da época, e, ainda, pode indicar a apreciação atribuída à mulher – alguém que, por sua pouca cultura, teria apenas competência para ler e compreender uma entrevista caracterizada como uma leitura fácil.

Uma das características dos textos de Clarice sob o pseudônimo de Tereza Quadros é a presença do julgamento no âmbito da estima social. São escolhas frequentes, em seus textos, as exemplificadas a seguir:

#### **Excerto 8**

O que você **não deve** usar

**Não use** joias verdadeiras com fantasias. Faça o possível também para **não se empetecar** demais com elas. Também **não misture** placas de brilhantes, com três voltas de pérolas, com brincos dourados e três pulseiras de ouro em cada braço, além de um anelão de água-marinha. Você **não é nem** vitrine de joalheiro, **nem** a Virgem do Pilar. (t\_c\_4.txt)

#### **Excerto 9**

De fada ou de ninfa, **não é só** passando verniz nas unhas que se conseguem as mãos ideais. Esse ínfimo cuidado **não assegurará** a beleza delas, assim como **não é só** com maquiagem que você mantém

a beleza do rosto. Epiderme seca e unhas quebradiças **não enfeitam** mão alguma, por mais lindo que seja o seu formato. Se este é o seu caso, experimente [...].A escolha de um tom de verniz **não deve** ser guiada exclusivamente pela moda, mas sempre adaptada ao tom da pele, ao tom do batom, à cor da roupa. Para mãos bronzeadas, quer naturalmente, quer pelo efeito do sol, um rosa bem vivo é bastante bonito. Para peles claras, não queimadas, é muito agradável um tom de framboesa. [...] Pontas de dedos que parecem ter sido mergulhados numa poça de sangue, **não enfeitam** ninguém. Um verniz irisado, com brilhos de pérola, é altamente contra-indicado para fazer esporte, por exemplo. [...] (t\_c\_5.txt)

O tom imperativo do texto aponta para um julgamento no âmbito da estima social, indicando o que é ou não aprovado em relação ao que deve ser o comportamento da mulher. A forte presença do *não*, seguido do verbo *dever* (modalidade deôntica) reforça o julgamento de estima social, aproximando-se, muitas vezes, da sansão social, ou seja, do que é social e convencionalmente aceito para a mulher daquele período histórico.

## 5 REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES

De acordo com a discussão desenvolvida a partir dos textos selecionados do livro *Só para mulheres. Conselhos, receitas e segredos*, pode-se destacar as diferenças entre o texto literário de Clarice nos romances e seus textos publicados sob os pseudônimos de Ilka Soares, Helen Palmer e Tereza Quadros. Enquanto nos textos literários Clarice revela-se a partir de uma linguagem transgressora, nestes, publicados sob pseudônimos e em tabloides populares, Clarice faz uso de recursos simples da linguagem e parece compactuar com as manobras culturais que desvalorizam a mulher e exigem dela um comportamento servil, subjugada pelo poder masculino.

Embora os textos de Clarice no tabloide *Comício* e nos jornais *Correio da Manhã* e *Diário da Noite* sejam marcados por uma docilidade e fragilidade próprias da mulher da

época, indicando emoção e destacando principalmente o papel maternal da mulher, não há como negar a presença da prescrição em termos de comportamento e do que seria aceitável na sociedade da época. Os textos, com alto grau de julgamento e apreciação, visam “ensinar” as mulheres a serem mais bem aceitas socialmente e a conquistarem os homens. Os textos parecem, de certo modo, indicar uma fórmula para que a mulher passe a ser julgada e apreciada positivamente em sociedade.

Destacamos o que nos diz Buitoni (1986, *apud* Nunes, 2008, p.274), a respeito da linguagem da imprensa feminina naquela época em que circularam o tabloide e os jornais indicados:

[...] percebe-se que os veículos femininos quase sempre não pretendem modificar o mundo. Simplesmente atuam mediante o repertório do público para o qual se dirigem, sendo ajustados pelo estereótipo e pela publicidade. Trata-se, pois, de um tipo de jornalismo voltado para o mundo da mulher, sustentado por três grandes eixos: moda, casa e coração.

Nos textos de Clarice Lispector, analisados nesta pesquisa, foi possível perceber que sob os três pseudônimos – Ilka Soares, Helen Palmer e Tereza Quadros – foi mantido o que a imprensa considerava relevante na época, mas, acima de tudo, para persuadir as leitoras, aspecto que Clarice conseguia justamente por estabelecer um diálogo com cada mulher que se debruçasse na leitura de seus textos e se deparasse com aquela conversa singela, capaz de esconder um julgamento indicador de como ser “mais mulher” naquele contexto social.

Pudemos notar que, como Tereza Quadros, as escolhas lexicogramaticais reveladoras de *atitude* (afeto, julgamento e apreciação) indicam uma postura de especialista – daquela que “detém um saber e o oferece à leitora (não especialista)” (NUNES, 2008, p.276). Como Helen Palmer, Clarice faz escolhas pautadas na *apreciação*, exaltando a mulher como boa mãe e boa esposa. Já não se coloca como especialista, pois a mulher, nesse contexto, é por ela considerada como “*esclarecida*”. Como Ilka Soares, o foco recai na *apreciação*, para sugerir à mulher que se valorizasse socialmente. Também como Ilka, *julgamentos de estima social* são apresentados com o papel de ajudar a mulher a resolver problemas de seu cotidiano.

Voltamos às perguntas instigantes, desencadeadas logo no início de nosso estudo e que nos motivaram: De que forma a mídia exercia poder sobre a voz de Clarice? Funcionava

essa mídia como “mecanismo disciplinar” (NÓBREGA e SANTOS, 2014) para a própria Clarice e suas leitoras?, e agora, finda a análise, acrescida de uma outra indagação: o que levava a Clarice transgressora, à frente de seu tempo quando produzia suas obras literárias, a submeter-se às exigências da mídia da época, desvestindo-se de seus ideias para assumir uma postura coercitiva ou reguladora do comportamento feminino, ignorando sua própria voz já presente na literatura? Estaria Clarice subjugada pela ideologia que tanto a estimulava a suplantar? Perguntas ainda mais intrigantes, quando vimos concluída a análise e discussão dos dados selecionados na pesquisa, e que abrem perspectivas para novas pesquisas.

Espera-se, assim, que as descobertas de como cada uma das Clarices – a Clarice-Ilka, a Clarice-Helen, a Clarice-Tereza – realizadas a partir da investigação das escolhas lexicogramaticais presentes nos textos de *Só para mulheres. Conselhos, receitas e segredos*, que destacaram questões determinadas pela cultura e pela ideologia da época, sejam orientadoras de novas discussões a respeito de textos literários e jornalísticos e, de novas pesquisas que comparem a Clarice jornalista à Clarice romancista, em busca de compreender, de modo mais aprofundado, esse ícone literário.

## 6 REFERÊNCIAS

AVELAR, A.; AZUAGA, L. A teoria da Avaliatividade: breve apresentação. In: AZUAGA, L. (org.) **Relatos de Viagens**. Representações e codificações linguísticas de Portugal no século XIX. Vol. 2. Lisboa: Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, 2002. p.19-54.

AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARBISAN, L. B. Texto e Contexto. **Organon** (UFRGS), Porto Alegre, 1995, v.9, n.23, p.51-60.

BETTA, T. E. L.; LEITÃO, A. B.; MOURA, S. A.de. Entre os gêneros do discurso e os discursos sobre gênero: Clarice Lispector e a subversão do feminino. **Anais do XVI CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/XVI\\_cnlf/tomo\\_2/165.pdf](http://www.filologia.org.br/XVI_cnlf/tomo_2/165.pdf)> Acesso em: 12.mar.2014.

BRITO, L. A. N. de. O discurso da mulher esclarecida na produção jornalística de Clarice Lispector: o caso *Feira de Utilidades*. **Tese** (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) São Paulo: USP, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22082007-154608/en.php>> Acesso em: 22.mar.2014.

CABRAL, S. R. S. Linguagem e avaliatividade: uma relação dialógica. **XIII Seminário Internacional de Educação**, ULBRA Cachoeira do Sul, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.sieduca.com.br/2008/>> Acesso em: 12.mar.2014.

CAETANO, V. L. G. **Comportamentos discursivos em texto jornalístico**: análise das escolhas linguísticas nos casos “Maddie” e “Rui Pedro” com recurso à Teoria da Avaliatividade. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa LE/L2) Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, 2014.

DEL PRIORI, M. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

DITTRICH, I. J. **Linguística e jornalismo**: dos sentidos à argumentação. Cascavel: Edunioeste, 2003.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Printer Publishers, 1994.

FIORIN, J. L.; PLATÃO, S. **Para entender o texto**. Leitura e redação. 16<sup>a</sup> ed. 17<sup>a</sup> impres. São Paulo: Ática, 2003.

GOTLIB, N. B. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Edusp, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985/1994.

\_\_\_\_\_. Dimensions of discourse analysis: grammar. In: WEBSTER, J.J. **On grammar**. V.1 in the Collected works of M.A.K. Halliday. London and New York: Continuum, 2002.

\_\_\_\_\_. MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold. 2014.

HOBSBAWN, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914 - 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFFMAN, A. G.; GONÇALVES, R.; TEIXEIRA, N. C. R. B. As dicas femininas nas colunas de Clarice Lispector. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Caxias do Sul, set. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-2719-1.pdf>> Acesso em: 15.mar.2014.

LISPECTOR, C. **Só para Mulheres**. Conselhos, receitas e segredos. Obra organizada por Aparecida Maria Nunes. São Paulo: Rocco, 2006.

\_\_\_\_. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_. **Água viva**. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

\_\_\_\_. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: A Noite, 1944.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave, 2005.

MELLO, J. M. C. de; NOVAIS, F. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.559-658.

NÓBREGA, L. de P.; SANTOS, G. F. C. dos. A identidade feminina em Clarice Lispector jornalista. **Facomb**. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/mestrado/trabalhos-mestrado/mestrado-livia-padua.pdf>> Acesso em: 15.mar.2014.

NUNES, A. M. Uma aprendizagem ou as páginas femininas de Clarice Lispector. **Revista da Anpoll**, v.1, n.25, 2008. Disponível em: <<http://anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/64/58>> Acesso em: 22.mar.2014.

PAJOLLA, A. D. de S. Identidades femininas múltiplas em crônicas de Clarice Lispector. **Dissertação** (Mestrado em Letras – Estudos Literários) Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010. Disponível em: <[http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/cp133983.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp133983.pdf)> Acesso em: 22.mar.2014.

\_\_\_\_. Vozes femininas nas crônicas de Clarice Lispector: diálogo com as diferenças. **Revista Literatura, História e Memória**, v.5, n.5, 2009. Disponível em: <<http://e-vesta.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/2124>> Acesso em: 12.mar.2014.

RODRIGUES, D. L. Avaliatividade em coluna de opinião: a assinatura valorativa de Luiz Caversan. **Revista L@el em (Dis-)curso**. v.6, 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revlael/article/view/6392>> Acesso em: 02.fev.2014.

SANT'ANA, A. R. **Análise estrutural de romances brasileiros**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

SCOTT, M. WordSmith Tools 5.0. **Software for text analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SILVA, Jacicarla Souza da. **Vozes Femininas na poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.



VIAN Jr., O. Avaliatividade, engajamento e valoração. **DELTA**, 28:1, 2012. p.105-128. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v28n1/v28n1a06.pdf>> Acesso em: 26.mar.2014.

\_\_\_\_. O sistema de avaliatividade e os recursos para graduação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA**, 25:1, 2009. p.99-129. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v28n1/v28n1a06.pdf>> Acesso em: 26.mar.2014.

WHITE, P. Valoração. A linguagem da avaliação e da perspective. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v.4, n.esp. 2004, p.178-205.